



Canal Auxílio EBD

Revista Lições Bíblicas CPAD 3º Trimestre de 2024 – Classe dos Adultos

Título: O Deus que governa o Mundo e cuida da Família – Os ensinamentos divinos nos livros de Rute e Ester para a nossa geração

Comentarista da Lição: Silas Queiroz

Autor dos Comentários (em azul): Ev Luiz Oliveira

Revisão dos comentários e sugestões de melhorias:

Tiago Damasceno

Data da aula: 22 de setembro de 2024

NOTAS DE AULA

Lição 12

O BANQUETE DE ESTER: DENÚNCIA E LIVRAMENTO

TEXTO ÁUREO

“Como ribeiros de águas, assim é o coração do rei na mão do Senhor; a tudo quanto quer o inclina.” (Pv 21.1)

VERDADE PRÁTICA

Devemos reconhecer as autoridades humanas, mas não podemos atribuir-lhes um poder acima do que elas têm. Há um Deus no céu.



[Canal Auxílio EBD](#)

Comentário por: Ev Luiz Oliveira

Ester 7.1-10

- 1** – Vindo, pois, o rei com Hamã, para beber com a rainha Ester,
- 2** – disse também o rei a Ester, no segundo dia, no banquete do vinho: Qual é a tua petição, rainha Ester? E se te dará. E qual é o teu requerimento? Até metade do reino se fará.
- 3** – Então, respondeu a rainha Ester e disse: Se, ó rei, achei graça aos teus olhos, e se bem parecer ao rei, dê-se-me a minha vida como minha petição e o meu povo como meu requerimento.
- 4** – Porque estamos vendidos, eu e o meu povo, para nos destruírem, matarem e lançarem a perder; se ainda por servos e por servas nos vendessem, calar-me-ia, ainda que o opressor não recompensaria a perda do rei.
- 5** – Então, falou o rei Assuero e disse à rainha Ester: Quem é esse? E onde está esse cujo coração o instigou a fazer assim?
- 6** – E disse Ester: o homem, o opressor e o inimigo é este mau Hamã. Então, Hamã se perturbou perante o rei e a rainha.
- 7** – E o rei, no seu furor, se levantou do banquete do vinho para o jardim do palácio; e Hamã se pôs em pé, para rogar à rainha Ester pela sua vida; porque viu que já o mal lhe era determinado pelo rei.
- 8** – Tornando, pois, o rei do jardim do palácio à casa do banquete do vinho, Hamã tinha caído prostrado sobre o leito em que estava Ester. Então, disse o rei: Porventura, quereria ele também forçar a rainha perante mim nesta casa? Saindo essa palavra da boca do rei, cobriram a Hamã o rosto.
- 9** – Então, disse Harbona, um dos eunucos que serviam diante do rei: Eis que também a forca de cinquenta côvados de altura que Hamã fizera para Mardoqueu, que falara para bem do rei, está junto à casa de Hamã. Então, disse o rei: Enforcai-o nela.
- 10** – Enforcaram, pois, a Hamã na forca que ele tinha preparado para Mardoqueu. Então, o furor do rei se aplacou.



1. INTRODUÇÃO

A rainha Ester preparou um banquete e convidou o rei Assuero e Hamã. Neste banquete, a rainha revelaria o plano maligno de Hamã. Posteriormente, o rei Assuero ficaria furioso com toda a estratégia do agagita. Consequentemente, Hamã foi morto pelo instrumento preparado por ele mesmo. Nesta lição, veremos como Deus pune o ódio, a perversidade e a injustiça. O Deus Todo-Poderoso cuida do seu povo de maneira amorosa.

2. APRESENTAÇÃO DA LIÇÃO

A) Objetivos da Lição: I) Descrever o banquete preparado por Ester e a denúncia proferida por ela; II) Remontar o contexto que desdobra a fúria do rei contra a injustiça; III) Refletir a respeito do grande livramento providenciado por Deus.

B) Motivação: A injustiça é um vício da alma, isto é, contrário à virtude, que faz com que o ser humano seja prejudicado. A lição de hoje nos estimula a declarar uma guerra contra qualquer prática de injustiça.

C) Sugestão de Método: Para concluir a lição e com base no primeiro Auxílio Bibliológico “O Perfil Maligno de Hamã”, reproduza na lousa ou no datashow as seguintes sentenças: 1) O ódio será punido; 2) Deus possui um incrível registro para fazer com que os planos malignos se voltem contra os seus planejadores; 3) O orgulho e a presunção serão punidos; 4) Uma insaciável sede de poder e prestígio é autodestrutiva. Diga a classe que essas são lições de vida que aprendemos com a presente lição. Estimule os alunos a refletirem biblicamente a respeito do caminho da retidão e da justiça para a vida cristã.

3. CONCLUSÃO DA LIÇÃO

A) Aplicação: Incentive a classe a perseverar no caminho da retidão e da justiça. Nosso Senhor ensinou que bem-aventurado é o que “tem fome e sede de justiça” (Mt 5.6); nos ensinou também a buscar “primeiro o Reino de Deus e a sua justiça” (Mt 6.33). Justiça e retidão são virtudes que Deus espera dos que chamam pelo seu nome, amam o seu Reino e buscam a sua justiça.



4. SUBSÍDIO AO PROFESSOR

A) Revista Ensinador Cristão. Vale a pena conhecer essa revista que traz reportagens, artigos, entrevistas e subsídios de apoio à Lições Bíblicas Adultos. Na edição 98, p.42, você encontrará um subsídio especial para esta lição.

B) Auxílios Especiais: Ao final do tópico, você encontrará auxílios que darão suporte na preparação de sua aula: 1) O texto “O Perfil Maligno de Hamã”, ao final do segundo tópico, aprofunda a reflexão a respeito do perfil maligno de Hamã; 2) O texto “A Trama Maligna de Hamã voltou-se para ele”, localizado depois do terceiro tópico, aprofunda o desfecho da trama maligna de Hamã.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

Na lição anterior, vimos como Deus agiu para alterar todo o cenário em Susã. Mardoqueu foi honrado e Hamã humilhado. As condições agora eram outras. Até a mulher e os amigos de Hamã já prenunciavam a sua derrota.

Conforme tratamos na aula passada, Hamã foi humilhado como resultado do início da ação visível de Deus para a conservação do povo de Israel. O Todo-Poderoso já vinha trabalhando, mas em oculto, com esse objetivo, mas foi com esse episódio que todos começaram a ver e entender o que estava acontecendo. Provavelmente, por inspiração divina, Zeres, esposa de Hamã, disse ao agagita que aquele fato representava o início da sua queda diante de Mardoqueu.

Tudo será resolvido no segundo banquete oferecido por Ester.

Glória a Deus! Deus completaria sua obra de livramento de forma maravilhosa.

Palavras-Chave: *Denúncia e Livramento*



Canal Auxílio EBD

Comentário por: Ev Luiz Oliveira

I. O BANQUETE E A DENÚNCIA

1. A instabilidade de Hamã. O dia foi terrível para Hamã.

Na realidade, aquele foi o último dia de vida de Hamã. Ele saiu de casa, pela manhã, pensando que aquele seria outro dia de alegrias e vitórias, mas não conseguiu terminá-lo.

Cedo, saiu de casa determinado a conseguir do rei a ordem de enforcamento de Mardoqueu.

Primeiro plano frustrado: influenciar o rei para que Mardoqueu fosse enforcado. O inimigo dos judeus não contava que Deus trabalhou durante toda a madrugada para frustrar seus planos.

Durante o dia, serviu de guia para o cavalo que transportou seu desafeto judeu pelas ruas de Susã.

Ao invés de conseguir o enforcamento de seu inimigo, Deus fez com que Hamã o levasse pela cidade, exaltando-o diante de toda a população da cidadela de Susã. A vergonha que Hamã deve ter sentido durante essa jornada pela cidade provavelmente foi inominável. Muitos deveriam saber do ódio demonstrado pelo agagita contra Mardoqueu não era segredo para ninguém. Esse fato, certamente, pesou ainda mais para trazer constrangimento e vergonha ao inimigo dos judeus.

Em casa, enquanto ouvia uma sentença totalmente desfavorável, chegaram os servos do rei para levá-lo apressadamente ao banquete preparado por Ester (Et 6.14). Hamã estava, certamente, muito perturbado. Ir a um banquete naquelas circunstâncias deve ter sido muito desconfortável.

Hamã nem teve tempo de se recuperar psicologicamente da situação vexatória que o rei lhe havia colocado. Nem bem havia chegado em casa, em busca de um pouco de alívio e apoio familiar, o agagita de imediato teve que acompanhar a escolta enviada por Assuero para conduzi-lo ao segundo banquete preparado pela rainha Ester.



2. O banquete do vinho. O banquete para o qual Ester convidou Assuero é chamado de “banquete do vinho” (Et 7.2). O contexto é o reino da Pérsia, no qual, assim como nos demais reinos pagãos de toda a história, o uso do vinho era comum nas festas e banquetes.

Esses eventos, chamados de banquete do vinho, eram realizados pelas realezas e pelos nobres do reino persa, com fins recreativos, mas também sociais e políticos. Nessas reuniões era comum ocorrer discussões políticas, estabelecimento de alianças e fortalecimento das relações entre os integrantes da elite do império.

O Antigo Testamento é enfático quanto aos seus terríveis males (Gn 9.20-27; 19.31-38; Pv 20.1; 23.29-35).

Não há o que se falar quanto aos perigos que as bebidas alcoólicas podem causar para quem faz uso delas. Mas, para esse caso em particular, o banquete do vinho não significava um convite para uma reunião em que atingir o estado de embriaguez era o objetivo. Provavelmente essa reunião seria a mais indicada para que a rainha Ester pudesse se expressar diante do rei Assuero, na busca pelo livramento de seu povo.

Havia expressa proibição para os sacerdotes (Lv 10.8-11) numa demonstração da necessidade de se fazer uma clara distinção entre o santo e o profano, conforme acentua a *Bíblia de Estudo Pentecostal*.

A Bíblia nos traz alguns alertas sobre o que ocorre com aqueles que se deixam vencer pela bebida, alcançando um estado de embriaguez. Leiamos, por exemplo, **Is 28.7 – ARC**:

“Mas também estes erram por causa do vinho e com a bebida forte se desencaminham; até o sacerdote e o profeta erram por causa da bebida forte; são absorvidos do vinho, desencaminham-se por causa da bebida forte, andam errados na visão e tropeçam no juízo.”

A abstinência total do vinho era condição para o voto do nazireado (Nm 6.2-4). Além disso, o texto veterotestamentário ressalta o belíssimo exemplo dos recabitas, que se abstiveram totalmente do vinho e foram honrados por Deus (Jr 35.6-19).



A abstinência de bebidas alcoólicas no voto de nazireado era uma forma de demonstrar e enfatizar a separação do nazireu do mundo comum e sua dedicação total a Deus, durante o período do seu voto. Além de ser um símbolo de pureza, a abstinência garantia, ou, pelo menos, facilitava, que a pessoa consagrada mantivesse clareza mental e foco espiritual, elementos essenciais para alguém que estava vivendo em um estado de especial devoção e serviço a Deus.

No Novo Testamento, o ensino é não se embriagar com o vinho, mas encher-se do Espírito (Ef 5.18).

A ênfase de o Novo Testamento em se falar contra a embriaguez se dá por conta da exigência bíblica em se manter, a todo custo, a sobriedade. Essa sobriedade não envolve apenas a questão de se evitar as bebidas alcoólicas, mas também tudo aquilo que pode nos tirar da posição de equilíbrio. Por exemplo, o consumo de pornografia é uma ação que causa embriaguez, não física, mas espiritual. Paulo enfatiza, com sua colocação, que encher-se do Espírito Santo é exatamente o oposto da ação de embriagar-se.

Devemos fugir de toda a aparência do mal e nos abster totalmente de tudo o que não convém aos santos (1Ts 5.22; 1Co 6.10,12; 1Pe 1.15).

Aqui precisamos nos lembrar que, como cristãos, precisamos nos empenhar para nos tornarmos, a cada dia, mais parecidos com o Senhor Jesus. Por conta disso, toda ação que possa ofuscar a pessoa de Cristo em nossa vida deve ser evitada.

3. “Qual é a tua petição?”. Assuero estava mesmo determinado a saber o que inquietava a rainha, a fim de atendê-la. O fato de Ester comparecer em sua presença correndo risco de morte, e, no primeiro banquete, ter mantido suspense quanto ao que lhe afligia, deve ter levado Assuero a suspeitar que algo muito grave estava acontecendo.

Conforme já tratamos em lições anteriores, o pensamento comum nos levaria a apresentar ao rei Assuero o pedido de socorro, já na primeira oportunidade. Mas, depois que Ester completou os três dias de jejum completo, o Todo-Poderoso passou a influenciá-la de forma mais profunda, para que a vontade divina fosse cumprida na



Terra. Realmente, qualquer pessoa ficaria, no mínimo, muito curiosa para saber qual seria a petição da rainha Ester.

Daí sua prontidão a novamente inquirir-lhe: “Qual é a tua petição, rainha Ester? [...] qual é o teu requerimento? Até metade do reino se fará” (Et 7.2).

Notem que o rei fez a mesma pergunta nas três ocasiões distintas. Ele realmente estava interessado em saber o que estava perturbando a rainha.

A essa altura, talvez o coração da rainha estivesse acelerado. Ela estava diante do rei e do algoz dos judeus e teria que ser firme em sua declaração. Ester se revelou uma mulher forte e decidida, denunciando o mau Hamã (Et 7.3-6).

Ester sentiu em seu coração que chegara o momento certo de revelar seu pedido. Sua obediência ao que o Senhor havia colocado em seu coração se mostraria uma decisão acertada. O inimigo Hamã não teria como escapar de colher o que os seus atos mereciam.

A mulher virtuosa sabe “[abrir] a boca com sabedoria”, sem perder a compostura (Pv 31.26).

O profeta Jeremias nos ensina que há tempo determinado para todas as coisas. E, nesse caso, o momento certo foi determinado pelo próprio Deus, que inspirou Ester para agir da forma como ela agiu. O final da história seria exatamente como Deus havia planejado.

II. A FÚRIA DO REI CONTRA A INJUSTIÇA

1. A revelação do plano. Ester detalhou ao rei o que havia acontecido. O que ela queria era a preservação de sua vida e da de seu povo, os judeus: “Porque estamos vendidos, eu e o meu povo, para nos destruírem, matarem e lançarem a perder” (Et 7.4).

Notem que, durante a explanação da rainha, em momento algum ela envolveu o decreto assinado com o anel de Assuero na história. Ester sabiamente suplicou por sua vida e pela vida de seu povo. Na sequência, ela explicou ao rei Assuero que sua vida estava



destinada à destruição, juntamente com todo o seu povo. Ela deu ênfase ao fato de que o que estava para acontecer era algo terrível.

Ester fez ver ao rei o absurdo do plano, que visava o extermínio de toda uma raça, nada comparável a uma venda como escravos (ou servos), o que não era incomum na época. Se fosse isso, Ester disse que não incomodaria o rei.

Ester foi humilde, mas determinada, na sua petição ao rei. Conforme o comentarista pontuou, se o decreto envolvesse “apenas” a questão de se escravizar os judeus, Ester não estaria rogando pelo socorro do rei. Mas, a vida da rainha e de todo seu povo estava sob risco, fato que a estava motivando a falar ao rei.

2. Quem fez isso? A pergunta de Assuero pode parecer estranha. Não era razoável que não tivesse conhecimento da extensão do decreto assinado em seu nome (Et 3.12,13).

Conforme citado há pouco, Ester não citou, em nenhum momento, o decreto assinado com o anel do rei. Ela apenas suplicou pelo socorro do rei para poupar sua vida e a de seu povo. Provavelmente Assuero não havia associado a questão do decreto que Hamã havia preparado com o pedido de Ester.

Todavia, não se pode presumir que um rei ou qualquer governante saiba, em detalhes, tudo o que acontece em seu palácio ou jurisdição. Às vezes, até aos pais escapam fatos próximos de seus olhos. Não era de todo irrazoável, portanto, que Assuero estivesse surpreso com a notícia trazida pela rainha.

Até aquele ponto, Assuero não sabia que Ester era judia e, portanto, certamente não tinha associado o clamor de Ester ao decreto de Hamã.

Ou, então, a surpresa deveu-se ao fato de saber que se tratava do povo da rainha, já que até então Assuero não sabia que Ester era judia (Et 2.10).

Mas a rainha não havia revelado, até aquele momento, a que povo ela pertencia. Apenas suplicou o socorro do rei.



De qualquer forma, era resultado do excesso de poder concedido a Hamã. Mas conquanto tivesse concedido amplos poderes ao agagita, o quadro agora era outro. Assuero amava Ester (Et 2.17). Hamã foi longe demais!

O que vemos nessa história é que, apesar de que Hamã tenha sido favorecido pelo rei Assuero, assumindo um lugar de destaque na corte persa, o agagita usou seu poder de influência para conseguir atingir seus intentos. E, conforme o comentarista afirmou, ele foi longe demais. Mas, há um Deus nos céus que batalha e trabalha por Seu povo. E essa reunião representava mais um golpe divino sobre os planos do inimigo dos judeus.

Nas famílias ou em qualquer grupo social a convivência legítima deve ser respeitada. Cada um deve entender seu próprio limite e não abusar de direitos ou medir força, no estilo “ou ele(a) ou eu!”. Fazer isso é atrair o mal para si mesmo, em um efeito bumerangue, como aconteceu com Hamã.

O que seria essa convivência legítima? Exatamente como o comentarista pontuou no livro de apoio. Ele afirmou que cada pessoa deve respeitar sua posição e seu papel em qualquer sociedade em que ela esteja inserida. No exemplo analisado no livro de apoio, cada componente de uma família deve respeitar seu papel, não buscando alcançar vantagens de qualquer natureza. E, relacionado à Hamã, ele usou de sua posição de confiança diante do rei e do seu poder de persuasão, para fazer com que Assuero lhe atendesse nas suas petições. Hamã manipulou o rei Assuero, mas acabara de ser descoberto.

3. A terrível reação do rei. É provável que a consciência de Assuero tenha sido ativada quando ele entendeu o tamanho da injustiça feita aos judeus, o povo de sua rainha.

Me parece mais razoável considerar, pelo que entendemos no Texto Sagrado, é que Assuero, naquele momento, havia se irado por causa da ameaça à vida da rainha Ester, e não por causa do povo judeu no geral.

Com toda firmeza, Ester respondeu ao rei, cara a cara com Hamã: “O homem, o opressor e o inimigo é este mau Hamã” (Et 7.6).

Chegara o momento em que Hamã seria exposto diante do rei Assuero.



Deus nos capacita, no momento certo, a “[erguer] a voz em favor dos que não podem se defender” (Pv 31.8). Ester não agiu de forma temerária ou precipitada. Não instigou motim ou qualquer expediente violento, confiando em sua própria força (2Co 10.4). Manteve sua confiança em Deus e soube agir na hora certa, no lugar certo e da maneira certa.

Agir de forma temerária significa agir na impulsividade, sem considerar os riscos envolvidos naquela ação. Conforme tratamos em lições anteriores, o jejum de três dias que Ester fez possibilitaram que a rainha estivesse mais sensível aos comandos de Deus, fazendo com que ela esperasse o momento certo para agir, como realmente aconteceu. Somente alguém guiado por Deus agiria da forma que Ester agiu.

Assuero ficou tão furioso que se levantou do banquete e foi para o jardim do palácio (Et 7.7).

Tomar conhecimento da ameaça iminente contra a vida da rainha fez com que Assuero se irasse grandemente.

A essa altura, Hamã já estava apavorado. A reação que teve foi se lançar sobre o assento de Ester, rogando-lhe misericórdia. A situação ficou ainda pior.

Vejam que a sequência de acontecimentos durante esse episódio fez com que a situação de Hamã somente piorasse diante do rei. No seu desespero de suplicar por misericórdia à rainha, o agagita agiu de forma completamente errada.

O rei voltou do jardim e viu Hamã prostrado sobre o divã da rainha e fez uma péssima interpretação da cena: Hamã estaria querendo desonrar a rainha diante do próprio rei? (Et 7.8 – NAA).

Hamã era inocente dessa acusação de assédio, mas o ocorrido foi, certamente, uma colheita referente às sementes que ele plantou.



III. O GRANDE LIVRAMENTO

1. A história da forca chegou ao palácio. A reação física e verbal de Assuero levou seus servos a entender que a morte de Hamã estava decretada (Pv 20.2). Depois que o rei redobrou seu furor por vê-lo deitado junto à rainha, seus servos cobriram o rosto de Hamã.

Talvez, no momento em que Assuero saiu da sala, a sentença sobre a vida de Hamã ainda não havia sido decretada. Mas, quando o rei voltou ao aposento e viu o agagita deitado onde estava, a intenção de Assuero se tornou clara para todos.

A história da forca, preparada no dia anterior, já havia chegado ao palácio. Nada fica oculto (Lc 12.2). Um dos eunucos, Harbona, sabia até o tamanho: cinquenta côvados de altura – cerca de vinte e dois metros. Não se sabe por qual motivo Hamã teria preparado uma forca tão alta. Seria para promover um espetáculo público?

Esse é um ponto que me causa bastante curiosidade. Naquele período não havia a facilidade de comunicação que temos à nossa disposição, hoje. Mas, a Bíblia nos dá a entender que as informações se espalhavam rapidamente no meio do povo. Temos vários exemplos bíblicos sobre isso.

2. Os ventos mudaram. Até aquele dia, à exceção de Mardoqueu, todos os servos de Assuero se inclinavam e se prostravam diante de Hamã. Mas talvez ele não fosse tão querido assim na corte.

O que as Escrituras Sagradas nos dão a entender é que Hamã era apenas suportado, e não considerado digno de honra, como era exigido pelo rei Assuero. Respeito sempre é conquistado, e nunca imposto.

Bastou uma oportunidade para um dos oficiais do rei ter a iniciativa de sugerir sua execução, informando Assuero da forca preparada por Hamã para Mardoqueu. Em ambientes de poder às vezes impera um certo sistema de conveniência. Muda-se de lado com muita facilidade.



Aqui precisamos nos lembrar que, naquele mesmo dia, Hamã havia sido obrigado a levar Mardoqueu pela cidade, exaltando-o como recompensa por sua demonstração de honra e de obediência ao rei. Assim, quando as ações malignas do agagita foram reveladas diante do rei, o oficial do rei se sentiu confortável em trazer à luz informações importantes sobre as intenções de Hamã em relação a Mardoqueu.

Talvez Harbona até tenha feito parte do grupo de servos do rei que denunciou Mardoqueu para Hamã (Et 3.3,4). Agora, soube ser bem perspicaz para sugerir a força para seu ex-superior. Ele não apenas informou ao rei que havia uma força preparada por Hamã para Mardoqueu, mas foi sutil ao dizer: aquele que “falara para bem do rei” (Et 7.9). A insinuação foi explícita e o rei logo acatou.

Aqui, temos uma suposição por parte do comentarista, no que diz respeito ao comportamento de Harbona. Seja como fosse, Deus estava agindo na vida das pessoas para que Sua soberana vontade fosse executada na Terra.

CONCLUSÃO

Deus não tem prazer na morte do ímpio, mas que ele se converta e viva (Ez 33.11; 2Pe 3.9). É o espírito rebelde e contumaz do homem que o leva à perdição (Lm 3.39; Ez 18.20,21). Hamã deu lugar ao ódio e planejou, de forma implacável e cruel, a morte de Mardoqueu e de todos os judeus do reino da Pérsia. Foi enforcado na própria força que preparou (Et 8.10). Que o Senhor guarde nosso coração de toda a maldade!

SUBSÍDIOS ENSINADOR CRISTÃO

A HUMILHAÇÃO DE HAMÃ E A HONRA DE MARDOQUEU

Nesta lição, veremos com maiores detalhes o cuidado de Deus para com o Seu servo Mardoqueu. Após a intensa perseguição de Hamã, o que parecia ser a derrota definitiva e humilhação do servo de Deus se reverteu em bênçãos e honras significativas. Depois de atentar contra os judeus para destruí-los, a ganância de Hamã e a sua sede por destruição não pararam. Ao avistar Mardoqueu permanentemente à porta do rei e constatar a sua contínua resistência em reverenciá-lo, Hamã foi para casa



[Canal Auxílio EBD](#)

Comentário por: Ev Luiz Oliveira

e arquitetou um plano para levar o servo de Deus à força. Mas Deus, que é onisciente e tem domínio sobre todas as coisas, interveio para que Mardoqueu não ficasse à mercê daquele projeto maligno. Na noite anterior ao pedido de Hamã para que Mardoqueu fosse enforcado, o rei Assuero teve um sonho que muito lhe inquietou. Deus o fez revisar os feitos que foram realizados a seu favor durante os 13 anos de reinado. Nessa ocasião, o ato benéfico de Mardoqueu de avisar ao rei sobre a conspiração de seus servos mais chegados foi trazido à memória. Esse fato nos mostra que Deus sabe recompensar seus servos no tempo certo. A honra que Mardoqueu não recebeu anteriormente estava reservada para esta ocasião. Como diz o autor de Eclesiastes, “tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu” (Ec 3.1).

A *Bíblia de Estudo Pentecostal* (CPAD, 1995) discorre que “embora Hamã possuísse riqueza, glória, poder e posição social, era um homem insatisfeito e descontente. Mardoqueu, por outro lado, tinha força de caráter, convicções religiosas e confiança no seu Deus. Hamã sabia, dentro de si, que Mardoqueu era o melhor deles dois, e por isso o odiava. Aos olhos de Deus, a grandeza nunca consiste na riqueza, no poder ou na condição social, mas na fidelidade, na dedicação a Ele e na luta em prol dos Seus justos propósitos na terra (ver Lc 22.24-30)” (p.761).

Esse episódio que marca a humilhação de Hamã e a exaltação de Mardoqueu revela que o Senhor não se esquece da justiça praticada pelo justo e não apaga a injustiça praticada pelo ímpio. Se por um lado Mardoqueu plantou justiça, zelando às portas do rei, fazendo o que era bom e agradável ao coração de Deus, era justo que recebesse a recompensa. A conduta de Mardoqueu era consequência de sua fé e devoção a Deus. Em contrapartida, a humilhação de Hamã era o resultado de sua ganância e más escolhas. Como se não bastasse o mal que desejou aos judeus, ainda quis levar o justo Mardoqueu à morte. Mas a Escritura admoesta: “Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará” (Gl 6.7). Essa deve ser a cosmovisão cristã que norteia nossa conduta, pois nosso Deus vê todas as ações praticadas pelos homens, quer boas, quer más.

